

florete

por João Garrin

Secretaria de Estado da Cultura ou o "nosso Planeta dos Macacos" (1)

A série televisiva — "O Planeta dos Macacos", bem como o "best-seller" que a originou têm o sucesso garantido devido à revolta que provoca nos espectadores o inesperado triunfo do símio sobre o ser humano assistindo-se, assim, à subversão da lei da natureza centrada até então em torno da graduação elitista das espécies, subversão essa que provoca a maior confusão de conceitos e atropelo ao lógico funcionamento de qualquer instituição em que uma convulsão semelhante se produza.

Assim, quando seres primários se sentam nas cadeiras de decisão que seriam de cultura, da gestão dos bens imateriais do património impercível de um Povo e que demarca irredutivelmente a barreira entre o génio e a vulgaridade, entre a elite e as massas, entre o intemporal e o quotidiano, entre a criatividade e a subversão; quando, repito, estes factos se concretizam e a ficção hollywoodesca se torna realidade temos uma instituição como a Secretaria de Estado da Cultura ou o Planeta dos Macacos que temos.

No meu último "Florete" prometi, dentro das minhas possibilidades, desmascarar a farsa colossal da chamada Secretaria de Estado da Cultura que mais não tem sido que um secretariado de propaganda à subversão da cultura através do embrutecimento igualitário com que os comunistas encuraçam as desprevenidas vítimas dos seus ataques.

O lado mais dramático será dissecado em outros artigos. Por hoje, convindo os leitores a uma breve viagem, em jeito de aperitivo, à secretaria-geral daquela Secretaria de Estado. Faço-o, não por bisbilhotice, nem por falta de caridade, mas porque hoje depois do autêntico homicídio cometido na pessoa de Luís Alberto Jacobetty, penso que silenciar sobre tão graves acontecimentos, seria encobrir outra conspiração que, quem sabe, leve outro desesperado a atentar contra a própria vida para fugir ao cerco montado pelos comunistas, pelos seus apañiguados e pelos seus cúmplices que transformaram a SEC no tal Planeta.

Este é dirigido, a nível interno, por um secretário-geral, o sr. Carmelo Rosa, que o faz com a mão firme, as considerações de rendibilidade e as elevadas preocupações inerentes a qualquer tasqueiro que, no Beco do Fala Só, tivesse de zelar pela taberna herdada de um tio.

Assegura a limpeza das instalações, a desinfecção das sanitas, providencia pelo bar, vela pela limitação das despesas tudo com o mesmo discernimento e as mesmas considerações próprias das almas simples que nivelam os bens materiais ao património imaterial, computando assigntudo em termos igualitários: quanto vale uma "SEC", um apára-lápis, o Instituto Português de Alta Cultura ou o vencimento de alguns funcionários que naquela Secretaria de Estado prestam serviços, mas a quem o referido Carmelo Rosa boicota o normal pagamento dos vencimentos em nome do embaretecimento do produto.

Carmelo negocia pechinchas e tem como obsessão negar-se a atribuições que lhe aumentem o "trabalho" ou encareçam o orçamento a atribuir à SEC. Indivíduo "simplicório", de semblante igual ao dos tradicionais "compères" alentejano das revistas portuguesas, incapaz de abstrações, é-lhe difícil distinguir entre investimento cultural, sem dividendos imediatos ou palpáveis, e o banal, mas seguro, livro de caixa que "deve" e "há-de haver".

É levado, assim, a cercear a coluna dos encargos, mas aí também não distingue entre as necessidades de contratar pessoal, o perigo de ver agregado à SEC o Instituto de Alta Cultura ou a compra de uma partida de esferográficas.

Onde Carmelo Rosa se sente mais seguro é quando, felizmente, pisa os seguros terrenos que se traduzem em sólidas comilanças e alegres libações.

De tal maneira se deixa seduzir com estas pragmáticas e palpáveis actividades que, entusiasmando-se, lançou-se na transformação de uma imensa garagem da SEC num refeitório gigantesco e clamorosamente clandestino.

O Ministério das Obras Públicas, quando as obras se encontravam quase concluídas, produziu-lhe o desaire mais palpável da sua carreira — o embargo desse aparelho empreendimento ilegal que realizava no âmbito da "Cultura".

Porém, o pequeno bar conseguiu escapar ao embargo, constituído num outro andar do edifício também, dentro da maior clandestinidade em termos de licenças prévias e com o mais clamoroso gosto tabernil, traz-lhe pequenos mas inefáveis prazeres.

Envolve nas tarefas do bar as infra-estruturas da SEC — água, luz, mulheres a dias e funcionários vários — e dali faz a grande ocupação e o único brio da secretaria-geral.

No meio desta fauna simiesca e irresponsável prepon-

dera, sorrateiro, um funcionário de nome Formiga implacável perseguidor de quem não seja agregado a este vespeiro que constitui a secretaria-geral e cambaleia alcoolizado Vítor Domingues que escandaliza alguns seres normais que trabalham na SEC.

O vespeiro está virado para si próprio, para se servirem a si próprios, para comprar o vinho que eles próprios bebem, para fazerem a comida que eles próprios comem, construindo um círculo semelhante ao cão que, em busca de morder o próprio rabo, perde a noção de onde começa e onde acaba o seu próprio corpo.

Oitenta pessoas existem para servir essas mesmas oitenta pessoas, numa desmultiplicação imbecil de tarefas escusadas, cada um não se serve senão a si próprio e o resto da SEC é, na prática, hostilizado ou ignorado por este viveiro de alegres símios.

A mais preclara das atitudes desse astro cultural que é Carmelo Rosa situa-se numa sanha perseguidora, criminosa, torpe e vil a dez funcionários contratados para prestar serviço na SEC por David Mourão Ferreira há cerca de 18 meses.

Carmelo Rosa, creceu nos seus tamanhos de admirativo e nima útil e gozava em defesa dos seus "territórios", e em nome de uma austeridade funcional que não usa consigo, promoveu uma campanha implacável contra esses funcionários sobre quem recaem todos os ónus do emprego e nenhuma regalia nem sequer — pasme-se — o direito a receber o vencimento ao fim de cada mês.

Destes dez funcionários contra quem foi feito o costumado abaixo assinado e cujo presente incerto os leva ao mais profundo desespero e à mais trágica ginástica quanto à maneira de subsistir, apenas a comunista Cesina Bermudes recebe atempadamente o vencimento.

Todos eles tiveram o mesmo tratamento que levou Jacobetty a despenhar-se de uma janela: o mesmo abaixo assinado repugnante, assinado por "trabalhadores", pedindo a expulsão de outros trabalhadores; a mesma demissão do cumprimento viril e digno do respectivo cargo, por parte dos vários secretários de Estado que se sucedem, breves e inoperantes na SEC; a mesma muralha impenetrável dos comunistas e simiescos cúmplices contra todos eles, excepção feita à aquisição comunista.

Mas não se pense que Carmelo é apenas glutão ou admirador da bela vinhaça de Coruche que vai buscar no carro oficial para revender no famigerado botequim.

Com mão segura, igualmente, e em paralelo com o bar, preside aos altos destinos do Fundo de Fomento Cultural, ignorando-se, aliás, se os lucros da venda dos comes e bebes e até de medicamentos (actividade expressamente proibida de ser exercida fora dos locais decretados por lei) vão engrossar os fundos do Fomento ou outras actividades análogas.

Já o vimos epicurista, gestor, persecutório. Falta, porém, analisar o carácter folgazão que me leva a equipará-lo a um verdadeiro Woody Allen lusitano, através da encenação que passo a descrever:

Queixando-se muitos funcionários que viviam ajoalhados em cima um dos outros, sem espaço decente para trabalhar, o então secretário de Estado António Reis resolveu fazer uma inspecção ao prédio onde a SEC está instalada, nomeadamente aos três andares ocupados pelos 80 alegres compadres da secretaria-geral.

Chegado em frente da maior sala do 2o. andar encontrou-a, porém, fechada à chave. Pediu-se a chave, não havia. Atrapalhação geral. Carmelo mandou buscar a chave. A chave não apareceu. Segunda sala. Segunda porta fechada. Segunda chave que se mandou buscar. Momentos de espera, de dúvida, de angústia...

A segunda chave apareceu. A segunda porta abriu-se. Dentro, numa sala vazia, com uma área de 5 longos metros, uma longa corda de roupa de outros tantos metros. Nela pendurados três soutiens e duas cuequinhas.

Fechou-se a porta. Caiu o governo. Salu António Reis.

O gargalhante Carmelo Rosa tinha descoberto a lei mais importante do Planeta dos Macacos: os governos tombam, a cultura dá trambulhões e ele permanece, estável, epicurista, mesquinho e vingador.

Porém, a única coisa não transitória deste regime é a opinião pública que se endurece e, atentos a partir de hoje, milhões de olhos honestos espiam Carmelo Rosa e a sua acção sobre os nove funcionários que não recebem os seus vencimentos a horas e cujos nomes passo a enunciar: Margarida Lourenço, Alfredo Brito, António Oliveira, Alda Marques, Dolores Pereira, Jorge Rodrigues, Eugénia Passada, Olga Vasques e Conceição Oliveira.

Pretendo com isto chamar a atenção das altas esferas da SEC para estes oito trabalhadores e para que elas os protejam de quaisquer represálias que sobre eles a "macacada" desencadeie.

Aliás, estarei atento a qualquer questão que surja e providenciarei como achar conveniente...

Fundação Cultural António